

PROTESTANTISMO, POLÍTICA E EDUCAÇÃO NO BRASIL: A PROPAGANDA DO PROGRESSO E DA MODERNIZAÇÃO

Mariana Ellen Santos Seixas*

RESUMO: Repensando as estratégias de consolidação do Protestantismo no Brasil, este artigo tem por objetivo identificar alguns dos principais setores da sociedade oitocentista que foram alvos de investidas de grupos proselitistas, enfatizando a importância de personagens que, ainda na primeira metade do século XIX, antes de começar a "pregar", se esmeraram em garantir condições mínimas de sobrevivência jurídica e institucional para os missionários que chegariam nas décadas seguintes. A princípio, tratarei da construção da relação direta entre protestantismo e progresso, uma propaganda política que conseguiu adeptos importantes; num segundo momento, mostrarei como as deficiências educacionais do Brasil, foram tomadas como um problema que poderia ser suprido pelas iniciativas protestantes; e, por fim, como a educação feminina esteve presente no periódico protestante de maior circulação, mostrando as mulheres como parte fundamental do processo de modernização e moralização do Brasil.

Palavras-Chave: Protestantismo; Política; Educação.

PROTESTANTISM, POLITICS AND EDUCATION IN BRAZIL: ADVERTISING OF PROGRESS AND MODERNIZATION

ABSTRACT: Rethinking strategies for consolidation of Protestantism in Brazil, this article aims to identify some of the major sectors of the nineteenth-century society that have been targets of law with proselytizing groups, emphasizing the importance of characters who, in the first half of the nineteenth century, before starting to "preach", to great pains to ensure minimum conditions of survival legal and institutional framework for the missionaries who arrived in the decades following. At first, I will discuss the construction of the direct relationship between Protestantism and progress, an advertising policy that managed major supporters, subsequently, show how the educational deficiencies of Brazil, were taken as a problem that could be supplied by the Protestant initiatives, and on the Finally, as female education was present in the journal's largest Protestant movement, showing women as part of the process of modernization and moralization of Brazil.

Key-Words: Protestantism; Politics; Education.

Um panorama

A historiografia do protestantismo brasileiro comumente afirma que os esforços proselitistas explícitos das Juntas de Missões organizadas por denominações norte-americanas datam o início de sua efetiva participação nos assuntos concernentes à sociedade brasileira; e que estes assuntos giravam em torno da adoção de uma nova fé e da transformação de comportamento como um fim em si mesmas.

* Mestranda em História Social do Brasil / Universidade Federal da Bahia. E-mail: seixas.marianas@gmail.com

No entanto, partindo de uma interpretação da obra de David Gueiros Vieira, *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil* (1980), e auxiliada por uma série de artigos não vinculados diretamente à historiografia do protestantismo, pretendo identificar as principais iniciativas políticas de James C. Fletcher, um "missionário" presbiteriano, que tinha como objetivo converter o Brasil ao protestantismo e ao "progresso" (já que considerava que esta vertente da fé cristã era equânime ao desenvolvimento econômico, científico e tecnológico) e identificar suas peculiaridades.

Em termos teóricos, Fletcher não se diferenciou da maioria dos missionários e das lideranças protestantes que vieram para o Brasil em número considerável a partir de meados do século XIX. Sua diferença estava em termos práticos. Fletcher se aproximou e se tornou amigo íntimo de importantes figuras do cenário político brasileiro, mantendo contato inclusive com o jovem imperador D. Pedro II. Sua influência sobre esses personagens (que serão destacados no trabalho a ser escrito) foi a porta de entrada para a luta por uma série de prerrogativas legislativas para os acatólicos no Brasil. Fletcher esteve envolvido em uma série de episódios que confirmam que o seu "jeito" de pregar o protestantismo foi muito sutil, conquistando, num primeiro momento, aliados e não fiéis.

O trabalho enfatizará os esforços de Fletcher e seus amigos do Partido Liberal e da imprensa na luta pelo casamento civil, pelas liberdades de consciência e religião e pela modernização do Brasil, com o auxílio, evidentemente, da tecnologia estadunidense. É possível destacar as iniciativas para a concessão de licença para a abertura de uma linha de navegação a vapor Belém - Nova Iorque, como parte da recém adotada política estadunidense de estreitar os laços de amizade com o Brasil, e os preparativos para a Expedição Thayer, para a qual Fletcher fez extensa propaganda.

Outro ponto fundamental do qual tratarei são os incentivos dos líderes e da imprensa protestante para melhorar as condições educacionais do país, construindo escolas, investindo na imprensa, com especial atenção para a educação das mulheres; enfatizarei que todas essas iniciativas compõem o projeto de inserir o Brasil no mundo moderno e civilizado, através da "religião verdadeira", da educação e das melhorias técnicas, tecnológicas e científicas.

Inserção protestante e crítica das mazelas do Brasil

Desde as primeiras tentativas de inserir a ideologia protestante na sociedade brasileira, aspectos como a escravidão e a educação se destacavam entre as mazelas que precisariam ser retiradas antes que o proselitismo surtisse efeito considerável. Missionários de todas as denominações ditas "históricas" – metodistas, presbiterianos, batistas e congregacionais – insistiam em suas prédicas e através dos meios de comunicação posteriormente criados que a sociedade brasileira sofria desses problemas crônicos em decorrência de sua dependência de séculos de instituições ligadas à Igreja Católica, e que a "restauração" e a imersão do Brasil no rol das sociedades modernas estariam sujeitas à atuação de entidades ligadas ao protestantismo.

A Igreja Metodista foi a primeira denominação a se preocupar oficialmente com missões para a América Latina. Em 1835, o jovem pregador Fountain Pitts foi enviado para fazer uma viagem de reconhecimento às principais cidades da costa ocidental (Rio de Janeiro, Buenos Aires e Montevidéu). Em seu relatório final, documento citado por Duncan Reily (2003, p. 100-101), recomendou o envio de missionários para o Brasil, “antiga fortaleza de Satanás”:

Estou nesta cidade (Rio de Janeiro) há duas semanas, e lamento que minha permanência seja necessariamente breve. Creio que uma porta oportuna para a pregação do Evangelho está aberta neste vasto Império. Os privilégios religiosos permitidos pelo governo do Brasil são muito mais tolerantes do que eu esperava achar em um país católico.

Porque esse governo avança tão rapidamente no comércio e nas artes, porque é o mais liberal de todos os países católicos do mundo na tolerância religiosa e porque abarca diversos portos populosos, tais como São Salvador, Rio Grande e Rio de Janeiro, esta última a maior cidade da América do Sul, sou da opinião que ele apresenta um campo perante os servos do Senhor Jesus Cristo que pode ser corretamente descrito como ‘pronto para a ceifa’.

Desta iniciativa surgiu a primeira missão metodista no país, entre 1836-1841, sob os cuidados de Justin Spaulding que, logo após chegar, organizou a primeira escola dominical do Brasil, e começou a realizar cultos públicos em sua casa. Segundo ele, a audiência aumentou tanto que teve que alugar um salão para acomodar ou ouvintes. Três meses após sua chegada, fez um relatório minucioso sobre seu trabalho e, ao lê-lo, podemos destacar o ponto que chamou mais a atenção do americano - a escravidão (IBID, p. 102):

Qual será o resultado final da escravidão e quando ela terminará neste país, é impossível dizer. Muito embora o tráfico de escravos seja contra a lei da nação, mesmo assim estou informado de que nunca foi explorado em tão grande escala como agora. Navios continuamente se preparam e zarpam deste porto com destino às margens sangrentas da África, nesse negócio de pirata. Os magistrados, solenemente juramentados a fazer cumprir as leis, freqüentemente fecham os olhos e recebem subornos. Ninguém ousa cumprir as leis, e ninguém poderia se quisesse, tão fraco é o princípio moral neste governo. Tudo o que podemos fazer é usar diligentemente e mui discretamente os meios, observar os sinais dos tempos, e entrar por toda porta aberta pela Providência, para prestar-lhes serviço...

Outro motivo de espanto para o missionário foi a “ignorância” do povo brasileiro. Seria extremamente válido, segundo ele, abrir escolas para a população, pois esta só não era mais culta por causa do clero católico, que ao deixar de cumprir seu papel de educar o povo, relegava-o a uma existência obscura. Além disso, o próprio clero representava o último exemplo a ser seguido, pois era flagrante o descumprimento do celibato, havendo padres com numerosas famílias que não sofriam nenhuma espécie de repreensão. O cúmulo teria ocorrido quando surgiu um projeto de lei para acabar com o celibato, “e um dos mais importantes argumentos ou razões apresentadas em abono da medida foi a necessidade de redimir e salvar a conduta moral do clero e do povo...”.

A “missão Spaulding” acabou em 1841, e entre os principais motivos de seu término estavam a falta de pessoal missionário, a dificuldade de acesso direto ao povo brasileiro, e as dificuldades financeiras advindas da crise econômica nos EUA chamada de “Pânico de 37”. Entretanto, o fervor missionário em relação ao Brasil estava apenas em seu período inicial.

Os missionários de outras denominações, que chegariam nos anos seguintes, recrudesceram o discurso e continuaram apostando na exposição dos problemas do Brasil e na necessidade de modernização das estruturas públicas, das leis e dos costumes, continuando a apresentar o catolicismo como um grande vilão e o protestantismo como o verdadeiro protagonista das grandes mudanças que o mundo daquela época estava vendo em termos científicos, tecnológicos e culturais. Contou, para isso, com a ajuda de membros da elite política, que desejavam urgentemente a separação da Igreja e do Estado.

Uma das estratégias mais utilizadas para que o protestantismo se estabelecesse no Brasil, ainda no século XIX, foi a adoção de "identidades" que o vinculassem a

causas como o progresso, a civilização e a modernidade. Esse discurso se disseminou entre os missionários e os principais órgãos de comunicação religiosa criados com a finalidade de apresentar a "verdadeira religião" como a "tábua de salvação" do Brasil, que nesse período oscilava entre a desintegração e a consolidação de um Estado Nacional.

As investidas missionárias que mais se destacaram foram a de grupos norte-americanos como os presbiterianos e os metodistas, que apresentaram os Estados Unidos como o ápice a que uma nação moderna poderia chegar. James Fletcher, missionário que ostensivamente pregou as vantagens de uma aproximação do Brasil com a nação confederada, foi o precursor daqueles que usariam o discurso que aliava o protestantismo ao progresso das nações. David Gueiros Vieira (1980. p. 62-63) toma Fletcher como um dos personagens centrais de sua obra acerca do protestantismo e o desenrolar da Questão Religiosa no Brasil. O apresenta como o "pioneiro do trabalho protestante missionário no Brasil e um dos que, mais ativamente, contribuíram para o movimento de protestantização do Império e para as lutas em favor da completa liberdade de culto."

Um ponto para o qual Vieira (p. 63) chama atenção é o fato de que Fletcher muito rapidamente se sentiu responsável como pastor não só dos marinheiros e americanos residentes no Rio, mas via a necessidade de "converter o Brasil ao protestantismo e ao 'progresso'. Para ele, o protestantismo equalizava-se ao desenvolvimento econômico, científico e tecnológico."

James Cooley Fletcher nasceu na cidade de Indianápolis, capital do Estado de Indiana, nos Estados Unidos, em 1823. Já adulto, adquiriu vasto conhecimento intelectual formando-se pela Phillips Exeter Academy, Brown University e Princeton Theological Seminary, além de ter estudado na Suíça e na França, aprimorando-se no idioma francês visto que tinha por objetivo trabalhar como missionário no Haiti; surgiu, todavia, a oportunidade de assumir o posto de Capelão da Legação Americana no Rio de Janeiro, onde assumiu seu posto em 13 de fevereiro de 1851. Quem negociou com o Governo Brasileiro as condições de suas atividades religiosas foi Robert Cumming Schenck, Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário dos Estados Unidos para o Brasil e Argentina, que nomeou o missionário com o título de "Adido", para que assim obtivesse "proteção oficial".

É a atuação de Fletcher junto à diplomacia estadunidense, à política brasileira e às aventuras comerciais por ele protagonizadas que denuncia o tipo de sensibilidade que ele tinha acerca de qual o melhor método pelo qual o Brasil seria convertido ao protestantismo; na conclusão de Vieira (p. 67):

o conceito de Fletcher quanto à sua missão, era fazer amigos entre os da alta sociedade a fim de obter proteção oficial para si e para seus colegas. Ainda mais, por suas outras declarações e por ações posteriores, é evidente que queria levar o Brasil para o mundo 'moderno' e do 'progresso' (sempre enfatizando a idéia de que tal 'progresso' vinha das nações protestantes), ajudando-o a chegar a condições de igualdade com o adiantamento tecnológico e científico que estava ocorrendo na Europa e nos Estados Unidos.

Tendo retornado aos Estados Unidos em 1853 em decorrência dos problemas de saúde de sua mulher, Fletcher voltaria ao Brasil no ano seguinte, mudando de estratégia e apresentando-se como um "amigo da nação" e "filantropo". Organizou uma exposição industrial americana no Rio de Janeiro, inaugurada por D. Pedro II no Museu Nacional e visitada com grande entusiasmo; fez contatos com o Visconde de Itaboraá, Inspetor Geral do Departamento de Educação Primária e Secundária com o intuito de "introduzir no Brasil livros escolares americanos"; foi um elo forte entre o poeta americano Henry Wadsworth Longfellow e o Imperador, que muito o admirava; e fez uma ostensiva propaganda do Brasil através de seu livro *O Brasil e os Brasileiros*, que teve sucessivas edições atualizadas nos Estados Unidos e que, durante muito tempo, foi a principal obra consultada quando se queria saber algo sobre o país e seus costumes.

A partir dessas observações é que vai se tornando claro que os planos de Fletcher envolviam, mais uma vez segundo Vieira (p. 74):

Aumentar o prestígio dos Estados Unidos, que ele apresentava no Brasil como uma nação 'protestante' com leis, costumes, sistema educacional, economia e religião dignos de serem imitados, e criar um forte elo entre o Brasil e aquela nação. O progresso americano e o seu extraordinário desenvolvimento que, na mente de Fletcher foram produzidos pelo protestantismo, fluiriam então para o Brasil na forma de comércio e emigração de empresários de todos os tipos, negociantes, industriais, agricultores pioneiros, mecânicos, engenheiros, que trariam consigo sua religião, desse modo trazendo o 'verdadeiro progresso' para o Império Brasileiro. Enfim, seria a conquista do Brasil pela cultura, 'progresso' e comércio americanos. (...) Assim, o que Fletcher obviamente tentou foi apresentar os

Estados Unidos como o supra-sumo de um tipo de 'progresso' que também podia ser alcançado pelo Brasil.

Assim foram estabelecidos os parâmetros da propaganda protestante no Brasil. O Brasil só alcançaria o patamar de uma nação civilizada e moderna se aceitasse os investimentos norte-americanos (e protestantes) na melhoria das condições técnicas e tecnológicas das estruturas públicas (transporte, navegação), na descaracterização da escravidão (os primeiros missionários norte-americanos a vir para o Brasil eram da parte abolicionista dos Estados Unidos), e na valorização da educação formal, considerada o ponto de partida para o avanço da sociedade brasileira.

É preciso destacar que Fletcher iniciou um "estilo" de propaganda protestante muito copiado ao longo das décadas seguintes pelos grupos ligados ao chamado "protestantismo histórico" – a "denúncia" das mazelas sofridas pela população brasileira, a falta de educação formal, a chaga da escravidão e o desprestígio do trabalho manual, todos atrasos ligados à supremacia católica no país. Um exemplo é a crítica feita pelos editores do jornal *A Imprensa Evangélica*, em 16 de março de 1872, e em 6 de novembro de 1875:

A igreja que se opõe à liberdade e ao progresso não é a igreja de Cristo. (...)

A religião cristã, à cuja sombra se têm formado as sociedades modernas, com a sua civilização e com o seu progresso, nunca foi inimiga da liberdade civil, que é a suma do progresso do nosso século.

O protestantismo é o verdadeiro amigo da instrução, sempre a favorece e protege, e isso com o único fim de desenvolver a nova geração segundo as regras do Evangelho, e de habilitá-la a bem preencher os deveres que a aguardam.

E, numa pérola pela elegibilidade dos acatólicos, em 29 de novembro de 1879, já no período posterior à promulgação do dogma da infalibilidade papal, citando outro jornal (*O Cruzeiro*):

Aí está. A lei civil exclui da elegibilidade para a representação os acatólicos: ora são justamente os católicos os menos próprios para exercerem o cargo de representantes do povo.

É fácil de demonstrar.

Ninguém pode ser católico sem aceitar o Syllabus em toda a sua íntegra. O Syllabus é inteiramente contrário à civilização moderna, sujeita o Estado á igreja, afirma a supremacia do papa sobre o governo

de todas as nações, proclama a necessidade da inquisição, isto é, o direito da igreja de compelir pelos castigos corporais, pelos tormentos, pela fogueira, os homens a crerem nos princípios e fatos relatados pelo clero etc. (grifo meu)

Ora, ninguém dirá que um homem possa sustentar tais princípios e exercer dignamente o papel de representante da nação.

Quem os sustentasse na tribuna, provavelmente havia de ter um acompanhamento um pouco incômodo ao sair da casa do parlamento.

Como é, pois, que se diz que só os católicos são competentes para a representação nacional, quando são justamente os acatólicos quem está (sic) inteiramente livre de tais ligações, de toda a obrigação de se submeter a um poder estrangeiro?

Em vista de tais considerações não poderia sustentar-se que um secretário de Vishnu pode dar um muito melhor cidadão de que um católico?

Assim, o que se vê é que a tradicional oposição entre catolicismo (atraso) e protestantismo (progresso) foi construída paulatinamente a partir da iniciativa de homens como Daniel Kidder e James Fletcher, sobretudo o último, que teve mais anos de atuação no Brasil. Surge com eles a propaganda do "progresso" aliado ao protestantismo e principalmente com Fletcher a conquista de aliados entre a aristocracia brasileira em busca de privilégios.

Os amigos do Progresso

Uma lista preliminar apresentada por David Vieira (p. 84-85) das amizades feitas por Fletcher no Brasil indica que ele se aliou a um número razoável de homens que se consideravam "amigos do progresso" e que compartilhavam com ele o desejo de trazer melhorias técnicas, políticas e culturais para o Brasil. Entre esses amigos se encontravam o Ministro Joaquim Maria Nascente de Azambuja (1812-1896), educador e diplomata, que, ao que tudo indica, foi um cooperador de Fletcher nas iniciativas de imigração de confederados e imigrantes acatólicos da Europa para o Brasil, além dos interesses que envolviam a instrução pública; e o Deputado Francisco Leite de Bittencourt Sampaio (1807-1892), um homem de letras altamente influenciado pela literatura anglo-saxônica, adepto do espiritismo e um dos primeiros a lutar pela causa comum com os protestantes da inteira liberdade de culto.

Outra amizade importante foi a de Francisco Otaviano de Almeida Rosa (1825-1889), líder liberal na câmara dos deputados, diplomata, muito bem relacionado com jovens intelectuais como Urbano Pessoa, Tavares Bastos e José Bonifácio (o moço) e um dos jornalistas apaixonadamente liberais de quem James Fletcher se tornou amigo.

Segundo Vieira (p. 89-90), em 1854, começou a editar o jornal *Correio Mercantil*, no Rio de Janeiro, de propriedade de seu sogro, o baiano Francisco Alves Branco Muniz Barreto, que foi financiado a partir de 1849 pela Legação Britânica, embora esse dado definitivamente não signifique que suas posições políticas tenham sido assim determinadas. Almeida Rosa era amante da literatura inglesa, entusiasta da emancipação dos escravos, da abertura à navegação estrangeira do Amazonas e da melhoria da instrução pública. Estas posturas podem tê-lo aproximado de Fletcher, que tinha as mesmas opiniões. Foi esse jornal que deu apoio incondicional ao Rev. Robert Kalley (que trazia cartas de recomendação de Fletcher), publicando artigos seus, ganhando as características de uma publicação altamente anti-católica.

Outros amigos de Fletcher no Brasil foram Dr. Caetano Furquim de Almeida (1816-1879), grande homem de negócios que era favorável à separação entre Igreja e Estado; Dr. Manoel Pacheco da Silva (1812-1889), educador e cientista a quem Fletcher enviava os missionários protestantes que estavam chegando ao Brasil; e o Senador José Inácio da Silva Mota (1807-1893), senador de Goiás, anticlerical, ferrenhamente anti-escravista e entusiasta do casamento civil. Nenhum deles se tornou protestante; todos ajudaram, em sua medida, a abrir as portas do Brasil ao protestantismo.

Um destaque é dado à amizade entre Fletcher e o alagoano Aureliano Cândido Tavares Bastos (1839-1875), advogado, jornalista, político e publicista, que, mais do que explicitamente, admirava os Estados Unidos, amava o "progresso", pleiteando apoio para causas como a "abertura do Rio Amazonas ao tráfico internacional, o comércio livre, a liberalização das leis comerciais, a descentralização do governo", bem como estimulava a imigração de ingleses, americanos e alemães, defendendo medidas que a tornassem mais viável, como a melhoria do sistema de transporte internacional, o casamento civil e a liberdade de culto, que ele considerava o remédio para todas as mazelas do Brasil. (VIEIRA, 1980, p. 95)

A questão da abertura do Rio Amazonas à navegação internacional suscitou alguns embates que envolveram até a garantia da soberania nacional. Desde a década de 20 do século XIX, os Estados Unidos demonstravam interesse na região amazônica, recrudescendo os esforços de aproximação a partir de 1840. Para o governo estadunidense, a Amazônia era uma região de riquezas inesgotáveis que deveria ser aberta a todos, o que obrigou o Brasil a adotar uma rígida política externa, cuidando para que não atrapalhasse suas relações econômicas com o país norte-americano, o que

desagradou a grande maioria dos liberais brasileiros que viam como extremamente vantajosa a aproximação com os Estados Unidos, considerada a "nação do progresso" (PAZZINATO, FREITAS e FERREIRA, 2000, p. 84).

A tentativa de estabelecer uma linha de navegação a vapor entre os Estados Unidos e o Brasil não era nova. A primeira notícia conhecida é anterior a 1850 e é a proposta de William Wheelwright, fundador da *Pacific Mail Steamship Line*, que não vingou; a proposta seguinte (1851-1852) é a de John Gardiner, feita ao Congresso Americano, proposta essa que atraiu o interesse de Fletcher e ganhou divulgação dele nos Estados Unidos e no Brasil. Entretanto, foi a proposta do ex-seminarista presbiteriano, antigo político e jornalista Thomas Rainey que mais chamou atenção de Tavares Bastos e foi objeto de ostensiva propaganda sua. A partir de 1854, Rainey envidou esforços para estabelecer uma linha de navegação entre Nova Iorque e Belém, conseguindo no ano seguinte o apoio do *Correio Mercantil* e dos políticos liberais da região amazônica. O governo brasileiro, temendo que essa fosse uma estratégia para se apossar da Amazônia, considerou que o ideal seria estender a linha de navegação até o Rio de Janeiro. O subsídio para essa linha foi aprovado sob a liderança do 20º Gabinete, presidido pelo líder maçônico paraense Senador Francisco José Furtado, após a torrencial propaganda feita por Tavares Bastos e Fletcher, que acreditaram que a partir de então a imigração americana promoveria o "progresso" e a "elevação moral" do Brasil.

Um episódio também ligado à questão amazônica é a expedição do Prof. Louis Agassiz, entre 1865-1866. De acordo com Maria Helena Pereira Toledo Machado (2007 p. 72-73):

Os objetivos da expedição ao Brasil não se esclarecem totalmente se não levamos em conta os aspectos menos aparentes desse empreendimento. Por trás do discurso público do cientista-viajante tecia-se um outro discurso que ligava Agassiz aos interesses norte-americanos na Amazônia, conectado a duas linhas de ação diplomática e de grupos de interesses: uma primeira, à política da navegação fluvial e abertura do Amazonas à navegação internacional, e uma segunda, aos projetos de assentamento da população negra norte-americana, como colonos ou aprendizes, na várzea amazônica. Não que Agassiz tenha pessoalmente montado o esquema da viagem para realizar um trabalho diplomático de proselitismo dos interesses norte-americanos na Amazônia. Mas, bem ao seu estilo, ele não perdeu a oportunidade de colocar-se em posição de influência, tornando a viagem ao Brasil, organizada no contexto da Guerra Civil, ocasião para influenciar positivamente Pedro II, com o qual Agassiz

trocava correspondência desde 1863, com relação aos projetos de abertura da Amazônia.

James Fletcher também esteve envolvido na propaganda da Expedição Thayer. Quando da chegada de Agassiz e aproveitando-se de seu prestígio, o "amigo do progresso" teve mais uma oportunidade de estabelecer uma relação direta (explicitamente não verdadeira) entre o desenvolvimento científico dos Estados Unidos e bandeiras como a emancipação dos escravos, a Sociedade de Imigração Internacional, as linhas de navegação a vapor, e, é claro, o protestantismo. De acordo com David Gueiros Vieira (1980, p. 79):

A causa, entretanto, que mais se beneficiou com a presença de Agassiz foi a campanha de publicidade empreendida por Fletcher, e por um grupo variado de 'amigos do progresso', que há muito tentava impressionar os brasileiros com o 'progresso' que o protestantismo podia trazer-lhes. Para onde quer que Agassiz fosse, era seguido de perto por Fletcher ou por seus amigos, tais como Dr. Thomas Rainey, Dr. Pacheco Manoel da Silva e Tavares Bastos. Assim, uma série de acontecimentos públicos ligaram (sic) o cientista de Harvard a Fletcher, ou a seus amigos, desta maneira trazendo uma glória refletida sobre eles e sua causa.

A passagem de Agassiz pelo Brasil suscitou também a suspeita de que o país seria alvo de uma "invasão" protestante, que incentivaria a alteração da ordem estabelecida baseada na oficialidade do catolicismo como religião do Estado. Isso se deveu à expectativa de uma emigração em massa dos Estados Unidos para o Brasil, entre 1866 e 1867, em alguma medida pelo fato de que o término da Guerra de Secessão não havia eliminado as rivalidades entre as partes Norte e Sul do país. Vieira (p. 212-214) explica que quando os nortistas passaram a dominar o território sulista, algo parecido com um novo Êxodo foi pregado; se já não havia espaço para os escravocratas no país, era necessário ocupar um novo território, e o Brasil não deixou de se tornar um destino desejável àqueles que queriam reconstruir seu mundo ideal fora da América do Norte.

Não aconteceu necessariamente uma "invasão", mas um número considerável de imigrantes (e não só estadunidenses) chegou e se estabeleceu no Brasil. E paulatinamente as questões acerca de seus direitos civis foram sendo apresentadas ao governo brasileiro por políticos liberais que incluíam em suas petições a liberdade de culto para todos os acatólicos. Entre eles estavam, claro, Tavares Bastos e Inácio de

Barros Barreto com suas *Doze Proposições Sobre a Legitimidade Religiosa da Verdadeira Tolerância dos Cultos*. Além deles se destacou também o juiz Antônio Joaquim Macedo Soares que publicou o polêmico panfleto *Da Liberdade Religiosa no Brasil: Estudo de Direito Constitucional*, em 1866. (VIEIRA, 1980, p. 218-219)

A exclusividade do catolicismo como única religião do Império começou a ser questionada e "a audácia dos que clamavam pela liberdade de culto estava ficando mais acentuada cada dia, e os ultramontanos sentiam-se acossados neste assunto tanto pelos protestantes quanto pelos liberais." (p. 219) A reação ultramontana propôs a educação dos fiéis, através de panfletos que descaracterizavam o protestantismo e através da ação intensa dos frades capuchinhos que percorreram os sertões pregando contra a "falsa religião". É interessante notar que as disputas entre protestantes e capuchinhos, que possuíam ideais de civilidade e moralidade muito semelhantes, duraram muitas décadas, sendo que aqueles utilizaram seu jornal de maior circulação no Brasil para criticar chistosamente os frades, como neste trecho em que *A Imprensa Evangélica* comenta a notícia de um outro jornal, em 16 de dezembro de 1871:

Sem comentário. – O jornal *Sete de Setembro*, folha que se publica na importante vila do Pillar, na Província de Alagoas, deu a seguinte e importantíssima notícia no seu número de 29 de Outubro último.

É digna de leitura e meditação.

Ei-la:

'Ontem houve nesta vila uma procissão de penitência, promovida pelo Rev. Capuchinho Frei José Maria de Catanisseta.

'Reunindo o povo pelas 5 horas da tarde em frente da igreja do Rosario, em número de 5.000 pessoas, pouco mais ou menos, os homens trazendo uma coroa de espinhos e uma corda ao pescoço, e as mulheres um véu branco sobre a cabeça com esta inscrição: I.B.M.V.C. – *Sit nobis salus et protectio*, saíram em procissão, conduzindo os homens os grande cruzeiro que se devia arvorar em frente da nova matriz, e o andor do Senhor dos Passos, e as mulheres os andor de Nossa Senhora das Dores. Ia também sob o palio o Sagrado Lenho, conduzido pelo Rev. Vigário da freguesia.

'Todas as pessoas que acompanhavam a procissão conduziam uma vela acesa, e o efeito dessas 5.000 luzes ou mais era o mais belo e arrebatador.

'O préstito seguiu na melhor ordem, e voltou á igreja donde saiu sem incidente algum desagradável, antes notava-se em todos sinais do mais profundo recolhimento e verdadeira compunção, e em tudo a gravidade digna do ato.'

Isto não precisa comentário.

Conseguir que uma população se apresente aos olhos do mundo de coroas de espinhos e corda ao pescoço é tê-la conduzido ao supremo grau de civilização.

Mais 50 Catanissetas espalhados pelo Brasil, e dentro de dez anos seremos a primeira nação do mundo.

A chamada "Questão Racial" também é discutida por David Gueiros Vieira que a apresenta como tema freqüente da preocupação dos liberais brasileiros, que viam na imigração de homens brancos, uma saída para a preguiça, lascívia e atraso causados, segundo eles, pela maioria da população de cor e sua adoção da religião romana. Diz o autor (1980, p. 239), num parágrafo central do livro:

Parece-nos, também, pela evidência à mão, que o raciocínio dos liberais era de que os imigrantes brancos protestantes seriam uma arma de múltiplo propósito, com a qual se combateria todo tipo de 'atraso': (1) os imigrantes brancos protestantes trariam conhecimento técnico para desenvolver o país; (2) a população branca por fim superaria a negra e (3) o imigrante protestante seria, afinal, econômica e politicamente bastante forte para contrabalançar o poder político e a influência da Igreja Católica.

Essas afirmações demonstram a correspondência de interesses entre esses liberais e missionários como Fletcher, que ensinou aos proselitistas protestantes que chegavam ao Brasil a "alma do negócio". Ambos os grupos queriam ocupar espaços da sociedade que usualmente haviam sido entregues ao domínio cultural do catolicismo, e para obter êxito investiram na propaganda da incompetência e imoralidade do clero, do caráter obsoleto de um "Estado Moderno" manter uma religião oficial, e das vantagens trazidas por países mais "civilizados" e "moralizados" como os Estados Unidos. Usaram, inexoravelmente, a imprensa, sem a qual se poderia questionar o sucesso da empreitada. Aliaram-se em torno de suas mútuas necessidades.

Estabelecer o antagonismo entre o protestantismo e o catolicismo, mostrando o primeiro como defensor da liberdade de idéias e culto, mola propulsora do progresso, vanguarda da modernidade e da ciência, e o último como o símbolo do atraso, pobreza, ignorância e superstição foi fundamental para manipular suas identidades ante à nascente opinião pública e demarcar os limites entre os quais agiriam ambos os entes políticos.

James Cooley Fletcher foi embora do Brasil provavelmente em 1869. Sua atuação no Brasil se deu, em grande medida, num momento de consolidação do pensamento liberal, momento do qual se alimentou e pelo qual foi também alimentado, lançando as bases do que seria o ponto central da propaganda protestante no Brasil e

ganhando vantagens legislativas para ele e seus colegas pregadores da "verdade" e do "progresso".

Educação e Civilização

Esta associação foi fundamental na construção da identidade dos líderes protestantes no Brasil. Foi-se estabelecendo, ao longo de seu proselitismo, a oposição direta entre o catolicismo, representando o atraso, a ignorância, a superstição e o preconceito com o trabalho manual, e o protestantismo, defensor da liberdade de ideias e culto, mola propulsora do progresso, e vanguarda da modernidade e da ciência.

O principal veículo de comunicação protestante no século XIX foi o jornal *Imprensa Evangélica*. O objetivo mais explícito do periódico presbiteriano era representar a comunidade protestante, mostrando seus ideais e sua opinião sobre os mais variados assuntos, com ênfase naqueles de cunho religioso, teológico e espiritual. Organizado no Rio de Janeiro, em 1864, pela iniciativa, entre outros, do missionário estadunidense Ashbell Green Simonton, *A Imprensa...* é, até onde se sabe, o primeiro periódico protestante em língua portuguesa. Sua circulação não foi pequena, se levarmos em consideração o alcance das missões presbiterianas no Brasil, ao final do século XIX, e o fato de que os missionários eram os responsáveis por divulgar entre os fiéis conquistados a iniciação no mundo dos letrados e, obviamente, a possibilidade de fazer a assinatura do jornal, o que pode significar também a alternativa de consumir um produto que lhes conferiria a noção de pertencimento à comunidade e a identificação com a nova fé adquirida pela conversão ao protestantismo.

O que chama atenção, entretanto, é o cunho pedagógico de muitas das matérias publicadas em suas páginas. Os pastores e leigos responsáveis pela redação do periódico utilizavam-se desse mecanismo-chave de transmissão de idéias que é a imprensa para veicular as concepções de vida consideradas adequadas aos verdadeiros cristãos, discutir questões muito variadas, como a política imperial (e, posteriormente, republicana), a "decadência moral do catolicismo" brasileiro, a ética do trabalho, o modelo ideal contido na família nuclear, cuidados para com a infância e a juventude, além, é claro, de discussões teológicas que objetivavam descaracterizar o Catolicismo como religião cristã, apresentando o Protestantismo como o único agente capaz de guiar o Brasil pelo caminho do progresso, modernização e moralidade nacionais. Nesse sentido, também são apresentados os principais delitos pelos quais os "cristãos

verdadeiros" seriam disciplinados pela hierarquia eclesiástica protestante que estava sendo formada concomitantemente à expansão do jornal e do proselitismo da denominação.

O jornal fez muitas críticas ao sistema educacional brasileiro em suas páginas. Em 2 de julho de 1870, discutia os números relativos à educação apresentados por um Ministro do Império à Assembléia Geral, que afirmava haverem apenas 3.962 estabelecimentos de instrução primária e secundária, para um número de 126.846 indivíduos, enquanto que nos Estados Unidos havia duzentas mil escolas para sete milhões de alunos, com instrução de alto nível. O periódico disparou: "No Brasil existe um estabelecimento de instrução pública por 2.019 habitantes, ao passo que nos Estados Unidos cada escola pública está na razão de 185 habitantes."

O que chama atenção neste trecho é que a comparação estabelecida entre os Estados Unidos e o Brasil em questões educacionais é feita, de acordo com o jornal, pelo próprio ministro, o que é bastante plausível se levarmos em consideração o que já foi afirmado anteriormente: muitos políticos brasileiros se tornaram amigos de missionários protestantes e também adotaram a perspectiva de que uma aproximação com a nação confederada traria mais benefícios (como a modernização educacional) ao Brasil.

Rosalind Thomas (2005, p. 21-30), desconfiou da associação direta entre letramento e civilização e perguntou: "Até que ponto o letramento é um agente de mudança?". Segundo a autora, é muito cômoda e incorreta a "correlação entre valores ocidentais, modernidade, desenvolvimento econômico e letramento." Concordo com todas essas observações. Uma afirmação, em particular, me chama atenção (p. 30):

A busca do letramento tem muitas vezes uma função religiosa totalmente desvinculada dos ideais de progresso econômico ou cultural. Isso sugere que suas aplicações e usos podem ser tão variados quanto a cultura humana. (...) O princípio por trás disso era o ideal luterano de que todos tinham de ser capazes de ler a Palavra de Deus por si mesmos. Ele pode ter tido outros efeitos colaterais, mas as metas e conseqüências imediatas eram religiosas (e protestantes).

No que concerne à instalação do protestantismo no Brasil, entretanto, todo o processo de incentivo à leitura e de estímulo à modernização da educação brasileira demonstra que para aqueles homens, o letramento da população brasileira estava, sim,

vinculado aos ideais de progresso. Obviamente, nos dias atuais, saber ler e escrever já não é requisito indispensável à prática religiosa protestante, tome-se como exemplo os grupos pentecostais e neo-pentecostais, que valorizam muito mais aspectos místicos da relação com o sagrado. No século XIX, contudo, aquele "ideal luterano" foi ressignificado pelos líderes protestantes no Brasil. Não se estimulava a leitura "apenas" para que o fiel pudesse exercer a prática da livre interpretação das Escrituras; havia também a expectativa de que as sociedades se tornassem mais sadias, moralizadas, modernas, e civilizadas pelo "poder do conhecimento"; o trabalho manual seria mais valorizado e, por conseqüência, mais produtivo. Este é o ideal apresentado pela *Imprensa Evangélica*, em 16 de agosto de 1873:

O trabalho dirigido pela inteligência constrói nossas casas, pontes, caminhos de ferro, navios; fabrica nossos relógios, pianos, imprensa; em uma palavra, engendra a civilização.

A educação eleva o trabalhador: quando ele for tão instruído e tão bem educado como as classes não sujeitas a trabalhos manuais, gozará da mesma consideração.

Cincinato lavrando seu campo, Franklyn compondo em sua tipografia, Hugh Miller trabalhando o granito em uma pedreira, não eram inferiores a ninguém, ao menos aos olhos daqueles cuja estima vale alguma coisa.

A instrução não inspira desamor ao trabalho: incita a fazer cumprir pela máquina a parte do trabalho que só exige força.

Dizem: 'Mas se todos os homens forem instruídos, quem trabalhará?'

A resposta é simples: – todos.

Somente a maior parte dos trabalhos serão executados (sic) por forças naturais, dirigidas pelo espírito humano, e pelas forças musculares da humanidade.

A instrução conduz-nos ao bem estar, porque 'knowledge is power, porque ciência é potência e a potência gera riqueza.'

A instrução aumenta nossas fruições, nossa ventura. O ignorante apenas conhece os grosseiros gozos corporais, efêmeros prazeres, aliás compensados pela necessidade, que é sofrimento.

O homem ilustrado goza das belezas da natureza e das artes, da poesia, da música, do comércio intelectual com seus semelhantes, da permuta dos sentimentos nobres, prazeres estes duráveis, e tanto mais vivazes quanto mais divididos, tanto mais isentos de dissabor, quanto mais puros e dignos de uma alma imortal. (grifos meus)

E em 6 de novembro de 1875:

O protestantismo é o verdadeiro amigo da instrução, sempre a favorece e protege, e isso com o único fim de desenvolver a nova geração segundo as regras do Evangelho, e de habilitá-la a bem preencher os deveres que a aguardam.

É importante destacar que as atividades literárias, bem como a utilização da imprensa foram aliadas importantíssimas para alimentar a idéia de que os protestantes eram os guardiões da liberdade de expressão e de ideologia religiosa, reivindicação que contou com a colaboração de homens como o Deputado Francisco Leite de Bittencourt Sampaio (1807-1892), de acordo com David Vieira (p. 84-85) um homem de letras altamente influenciado pela literatura anglo-saxônica, adepto do espiritismo e um dos primeiros a lutar pela causa comum com os protestantes da inteira liberdade de culto.

Além do periódico *A Imprensa Evangélica*, também foram criados outros jornais em outras cidades do Brasil, como o *Púlpito Evangélico* (1874-1875/ 1888-1900), que compilava os sermões dos pastores; o *Pregador Cristão* (1877-1887); *Salvação de Graça* (1875-1876), o primeiro periódico protestante do Nordeste; e o *Estandarte* (1893- dias atuais), que se tornou o órgão oficial da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, criada em 1903. O conteúdo central dessas publicações era basicamente o mesmo: apresentar as vantagens da adoção da "verdadeira religião" e os erros da religião oficial. De acordo com Alderi Souza de Matos (2007, p. 18):

O protestantismo era um movimento de origem estrangeira, anglo-saxônica, que buscava espaço num país de tradição latina e católica romana. O fato de que o Brasil era, há séculos, um país nominalmente cristão, tornava imperioso que os novos grupos justificassem sua presença no país. Daí o fato de grande parte das publicações ter o intuito de demonstrar as debilidades da religião majoritária e os valores tidos como superiores, tanto religiosos quanto éticos, das igrejas evangélicas. Essa mentalidade era partilhada pelos presbiterianos.

No que se refere às instituições de ensino propriamente ditas, o mesmo autor, em outro texto (1999, p. 3), mostra a diferenciação básica que se fez entre as escolas "dominicais" e as escolas "paroquiais", ainda que ambas, em princípio, fossem construídas ao lado dos templos religiosos. Nas primeiras, o ensino era eminentemente voltado para assuntos de religião, estudos da Bíblia e teologia, e tinha como público os filhos dos fiéis membros das Igrejas. Zózimo Trabuco (2009, p. 47-48) fez uma análise do significado da Escola Dominical para os grupos protestantes, em especial os batistas:

A Escola Bíblica Dominical (EBD) foi desde o início um instrumento fundamental para a construção da identidade religiosa dos fiéis entre os protestantes, em especial os batistas. A EBD era fundamental enquanto *Escola* porque a educação constituía-se um valor

importante no pensamento missionário como elemento evangelizador e civilizatório. Era importante por ser *Bíblica*, ou seja, voltada principalmente ao estudo dos textos bíblicos que fundamentavam as crenças batistas e a visão de mundo do grupo sobre a sociedade. E por ser *Dominical*, uma vez que a guarda do Domingo de acordo com a interpretação batista do quarto mandamento, era a evidência de uma vida genuinamente cristã, e o descumprimento injustificado desse mandamento era motivo de disciplina e até exclusão. Assim como entre católicos e demais grupos protestantes o domingo, dia da Ressurreição de Cristo, foi interpretado pelos batistas como “o sábado cristão”, enquanto os Adventistas do Sétimo Dia guardavam o sábado de acordo com a interpretação literal do quarto mandamento, mas todos usavam o mesmo texto para ensinar a guarda do dia de repouso e consagração aos serviços religiosos.

As escolas paroquiais, contudo, tinham o objetivo de alcançar famílias de pessoas que não eram ligadas às denominações protestantes; ensinavam matérias como Língua Portuguesa, História, Etiqueta, Música, etc.; tinham mulheres ensinando; e tinham um programa voltado para a valorização do trabalho nos moldes do pragmatismo americano, representando uma alternativa às famílias abastadas que não queriam colocar seus filhos em escolas católicas e confiavam na melhor qualidade do ensino protestante. Paul Pierson (1974, p. 108) faz uma lista dos alvos das instituições educacionais missionárias, que corroboram com a idéia de ter a melhoria da educação como uma bandeira protestante que geraria frutos não só "espirituais", mas também morais, sociais e culturais:

Auxiliar na propagação do evangelho, especialmente entre as classes superiores; preparar os crentes para viverem em um nível econômico mais elevado, o que lhes permitiria sustentar a igreja e exercer maior influência na sociedade; proporcionar um ambiente educacional de nível espiritual e moral mais elevado do que o encontrado nas escolas públicas e católicas; preparar líderes para a igreja; e contribuir de maneira geral para a cultura e o progresso da nação ensinando os alunos a usarem seus recursos de modo mais eficiente.

Em um dos primeiros relatórios escritos por Francis Joseph Christopher Schneider, o primeiro missionário presbiteriano a trabalhar em Salvador, há a informação de que ele e sua mulher começaram a ensinar alguns meninos a ler em sua própria casa, ainda no mesmo ano em que chegaram à cidade. Ele diz, em 19 de agosto de 1872:

Minha mulher há quase um ano estabeleceu uma pequena escola de alguns meninos e meninas que costumam reunir duas vezes na semana e aos domingos para estudar a Bíblia, o Breve Catecismo e o

Catecismo para meninos, aprendendo alguns a ler, O número dos discípulos varia de 4 a 12.

Esse modelo, ainda um tanto quanto híbrido, que mesclava a educação religiosa com o ensino da leitura, não surtiu muito efeito em Salvador, que só construiria um colégio presbiteriano, mas de forte tendência laica, já no século XX. Já no interior do Estado da Bahia, muitos esforços no sentido de civilizar a população foram feitos pela denominação presbiteriana. Ester Fraga Villas Boas Carvalho do Nascimento (2007, p. 103) afirma que

O projeto civilizador presbiteriano para o *hinterland* brasileiro possuía três eixos de ação: religião, educação e saúde. Criando instituições nas três áreas, os mensageiros de Deus pretendiam transformar o *hinterland* brasileiro numa região 'civilizada', procurando produzir um novo modo de viver na sociedade em que se estabeleceram. E a educação serviria de veículo para a implementação de sua proposta.

Para complementar estas informações, há um relato de um missionário batista que indica a explícita conexão feita pelas lideranças protestantes entre o investimento na educação e a proselitismo:

É simplesmente impossível que a religião evangélica concorra com o catolicismo sem se munir do poder e da influência da educação. Cada sistema tem a sua ideologia e as suas vantagens. Nós evangélicos, estamos plenamente convencidos da superioridade dos nossos ideais, mas *o povo culto em geral não aceita o Evangelho antes de ficar convencido da superioridade da cultura evangélica.* (grifo meu)
Afim de contas a evangelização do Brasil implica no conflito dos dois sistemas e *o resultado dependerá da possibilidade de demonstrar a superioridade do cristianismo evangélico.* Não será fácil no Brasil onde a vantagem do treinamento de séculos está com os católicos. Os ideais, o modo de pensar, as instituições políticas e domésticas, os costumes e hábitos sociais do povo, o coletivismo social, são influenciados e formados pela religião católica, e naturalmente existem entre os próprios evangélicos os princípios de democracia e individualismo. (...) É justamente no campo da educação que o Evangelho produz os seus frutos seletos e superiores, homens preparados para falar com poder à consciência nacional. (CRABTREE: 1962. 139-140 pp.)

Um parêntesis importante: a educação da mulher

O periódico *A Imprensa Evangélica* também contribuiu para uma discussão acerca da educação das mulheres, pois elas eram as educadoras por excelência no seio familiar; sua influência sobre a formação do caráter infantil era de tamanha importância que já não poderiam ser mais ignorantes, supersticiosas ou alienadas. O seu papel era colaborar para que as futuras gerações se apegassem ao amor ao trabalho, ao progresso e à moralização da sociedade, segundo o jornal.

Uma série de artigos foi publicada tratando desse assunto, entretanto, o que chama atenção é o caráter ainda bastante conservador dado ao propósito pelo qual as mulheres deveriam ser educadas. A esfera da família nunca é abandonada. Nestas palavras do ex-padre e primeiro pastor protestante brasileiro, José Manoel da Conceição, escritas em 17 de dezembro de 1880, esta idéia se torna bastante clara:

Com o aperfeiçoamento do ensino, e o desenvolvimento da educação, espera-se procriar uma geração melhor do que foi a de outrora. O muito que nos métodos seguidos até aqui, muito principalmente quanto aos meninos, faltava, o muito que por outro lado era supérfluo, ou menos necessário, bem como os inconvenientes e absurdos respectivamente ao tratamento dos alunos, tem excitado a atenção e reflexão dos homens filantrópicos e inteligentes.

(...)

Os progressos dos povos em experiências, descobertas e várias ciências contribuíram principalmente para a necessidade do melhoramento do ensino público da mocidade, para que o tempo de compreender tantas coisas dignas de se saber, de granjear tão vários conhecimentos úteis e necessários na vida civil, não seja muito limitado, ou fique com esforços e fadigas de aprender amargurada a idade mais prazenteira, e descuidadosa da vida humana, primitivamente consagrada ao desenvolvimento das forças do corpo.

Mas, a força adestrada, a variedade das faculdades, riqueza dos vários conhecimentos, que hoje em dia não podem faltar ao homem em todas as condições do mundo social, são mais indispensáveis à mulher.

Os requisitos do homem de hoje, visto que o campo de todas as artes, ofícios, negócios, ramos do comércio, ciências e outras precisões, se aumentou, tornaram-se mais amplos do que foram anteriormente. Porém a mulher conservou ainda as mesmas relações para com o mundo e a vida, que teve nos tempos remotos.

O círculo e o gênero das obrigações da mulher demarcadas pelas eternas leis da natureza, em nada se aumentou nem diminuiu.

Não obstante isto, julgava-se dever promover a civilização feminina, e aperfeiçoar o ensino desse sexo.

Também esta tendência era louvável, e o será enquanto a instrução se limitar àquilo que convém ao destino natural da mulher.

Esposa amorosa, companheira alegre, mãe cuidadosa da casa, primeira ama da mocidade, eis aí o emprego da mulher. (grifo meu)

A idéia central do texto do pastor é a crítica às instituições dedicadas exclusivamente ao ensino de meninas, em regime de internato. Para ele, esse tipo de escola privava as meninas de um tipo de aprendizado que seria fundamental para o cumprimento de seu papel na sociedade: o de esposa e mãe cuidadosa; a vida doméstica era a escola da mulher, de onde ela não deveria ser retirada. A convivência e o serviço a pais, avós, irmãos, seria seu exercício diário e despertaria a sua verdadeira natureza, algo que não aconteceria se a menina ficasse durante anos somente convivendo com outras meninas, sem experimentar a realidade da vida em família.

Outro texto que chama atenção no jornal é escrito por uma mulher declaradamente católica, mas que rejeita o ultramontanismo e a superstição, segundo ela, exacerbada de alguns setores da Igreja. Amélia C. da Silva Couto, que escreveu para o jornal *Colombo*, de onde *A Imprensa* transcreveu o artigo intitulado *A mulher e a religião*, em 4 de setembro de 1880,

É evidentemente sabido que a mulher é a base primordial da família e conseqüentemente da sociedade. A ela é que está afeta a obrigação de preparar os cidadãos, por isso que é mãe e como tal educadora. *Desde que a mulher seja ignorante, viciosa, fanática ou supersticiosa, educará pessimamente os filhos e péssima será a sociedade em que influírem eles.*

A crença religiosa, seja ela qual for, é uma necessidade para o espírito feminino, na nossa idade, mas essa crença deve ser aquela que brota espontânea no coração, como as flores silvestres na agrura dos campos incultos; é necessário que seja a crença sem fanatismo, sem superstição, que é o que abate o espírito.

É necessário demonstrarmos que não somos essas estúpidas, essas fracalhonas, que, como dizem os homens, deixam-se facilmente iludir, deixam-se escravizar.

A mulher de hoje também estuda, também pensa, sabendo conhecer o que é útil e o que é mau para a família. Ela também quer o progresso, também quer o engrandecimento da humanidade, pela realização das idéias modernas. (grifo meu)

A preocupação da autora foi mobilizar as mulheres que leriam o artigo a não se deixarem mais controlar por artifícios como a confissão, que dariam aos padres o controle sobre a opinião feminina, e lembrar que o pior inimigo das mentes ilustradas era a superstição, que subjugava as mentes e os espíritos da época, segundo ela.

Em 13 de março de 1886, outro artigo sobre a educação feminina foi publicado pela *Imprensa*. Numa espécie de manual para a formação do caráter das moças, o autor (não identificado) lista uma série de medidas a serem tomadas pelos pais para garantir que suas filhas se tornassem o "impulso" para o progresso e modernização da sociedade brasileira, que, como já disse, foi a bandeira levantada pelos protestantes ao longo de sua fase proselitista no século XIX. É uma lista bastante longa, que enfatiza a responsabilidade paterna para com a educação moral das meninas no seio da família:

Apenas a menina tiver atingido sete anos, deve-se ir ensinando a ler e escrever.

À leitura se deve juntar a moral, amor ao trabalho, amor fraternal, amor filial, qual a importância da economia doméstica.

Todos os dias devem as mães e os pais, como os mestres, ir conduzindo pacientemente o espírito da menina para estes princípios, com a teoria como a prática, a fim de formar-se o coração nobre da moça.

Uma menina educada com doutrinas morais, com o costume do trabalho até a idade de 16 anos, ficará preparada para o necessário da vida e para o belo.

(...)

Só por estes dois meios – moralidade e instrução superior, é que a moça chegará ao império das boas qualidades, impondo-se à consideração da sociedade que aprecia o bom e o belo.

Juntando-se à educação doméstica e moral a instrução superior, teremos moças com a energia capaz de resistir às desatenções prejudiciais à reputação daquelas que querem primar pela moral.

A moça pode ser amável, dedicada, conversar agradavelmente com todos que privam com ela, porque com estas qualidades é que privará a efetividade do sexo, é que nobilitará a família e fará certamente a glória de sua pátria.

A planta quando é nova presta-se a amoldar-se à vontade do cultivador, assim é a moça que, para ser virtuosa, ou moça assisada, deve ser preparada desde a infância.

O que será de uma menina de temperamento próprio para assomos grosseiros e inquietudes, de desvanecimento para o luxo, se não tiver uma educação moral exemplar, *se não se infiltrar no espírito juvenil a necessidade do trabalho, da economia, de docilidade, da paciência e do estudo das letras?*

Quando as moças compreenderem que devem elevar-se pelas virtudes e pelo cultivo da inteligência, serão o mecanismo delicado que há de mover a sociedade pela síntese do progresso humano, sendo o belo sexo parte do impulso. (grifo meu)

O último texto sobre esse assunto que quero mencionar (e que também é escrito por uma mulher) é bastante característico do que tenho dito até agora. A constância desse tema no periódico, contendo textos escritos pelas próprias mulheres, indica que o incentivo para uma atenção especial para com a educação feminina visava não a sua emancipação, ou sua participação mais ativa na sociedade, muito menos a igualdade entre os sexos, mas tinha, eminentemente, o objetivo de transformar as futuras mães e esposas em mestras dentro do domicílio, transferindo para elas e através delas os valores a serem cultivados pelos futuros trabalhadores. Enquanto o Brasil não se mobilizava por construir mais escolas e atender a um número maior de indivíduos, preparando-os para um futuro modernizador, às mães caberia o papel de disseminadoras deste ideal. E elas mereciam uma educação mais acurada porque seriam responsáveis também pela moralização daqueles indivíduos, desde a sua infância, pelo poder da sua persuasão. O texto de Maria Amélia Vaz de Carvalho é forte e claro, ainda que conservador

Educar a mulher é arrancá-la na infância ao seu berço fofo e tépido de beijos, e levá-la por caminho de uma majestade austera que ela nunca criou.

É prepará-la para a grande luta moral que é a vida, com os cuidados com que Esparta, a guerreira cidade antiga, preparava os seus filhos para a luta do corpo, para a vitória da destreza física.

É associá-la pela compreensão e pela simpatia a todos os trabalhos e investigações do homem moderno; *é dar-lhe ao lado deste um lugar honroso e definido, não igual, pois que são diversas as atribuições de ambos mas equivalente em direitos e em deveres.*

É fazer-lhe compreender bem claro que as seduções do corpo – seu orgulho supremo e seu constante desvanecimento – quando não são reflexo da formosura e da robustez da alma, não passam de um laço ignóbil, armado ao animal maléfico e bravo que todo o homem encerra em si.

Educar a mulher [é] levá-la a compenetrar-se do seu papel providencial na família, e achá-la grande, útil, elevada, digna de saciar as mais levantadas ambições, e também – o que é de uma importância capital – de pesar como uma responsabilidade tremenda no ânimo mais altivo.

É dar-lhe uma idéia perfeita do dever e da justiça, um ideal a que tendam incessantemente as aspirações do seu espírito, uma religião que a hipocrisia e os cálculos interesseiros não maculem nem amesquinhem, que se resume para ela no sacrifício sem voluptuosidades dissolventes e amor sem êxtases histéricos e sem raptos de paixão sensual.

Não basta, porém, exprimir tudo que se ousa esperar da mulher de amanhã, é preciso também lançar um olhar demorado e justo ao que é a mulher de hoje.

Só assim poderão compreender-se os erros que é preciso desarraigar, os preconceitos que é indispensável destruir, a distância enorme que temos de transpor para chegar ao momento da sua completa e salutar transformação.

O que se pode inferir, também, é que ao publicar os textos sobre e destas mulheres, sendo que uma era declaradamente católica, os líderes protestantes apresentavam a sua religião como aquela que daria às brasileiras a oportunidade de uma espécie de ascensão, de visibilidade, tornando-as as "musas" inspiradoras do progresso no Brasil, bem como as militantes no lar da modernização do ainda Império. O protestantismo, segundo eles, poderia resgatar as mulheres da obscuridade e ignorância.

Considerações Finais

Os dados apresentados ao longo deste trabalho objetivam ampliar as discussões que têm sido feitas a respeito dos desdobramentos da inserção protestante na cultura e na sociedade brasileira. São incursões que começam a partir de anseios da elite, como uma legislação de cunho mais liberal, que garantisse a abertura do sistema jurídico do Brasil aos imigrantes que trabalhariam já na nova ordem econômica mundial – o trabalho livre assalariado, bem como trariam ao Brasil mão-de-obra mais "qualificada" e preparada tecnicamente para construir uma nação moderna aos moldes das grandes nações como a norte-americana.

Logo, os líderes e órgão de comunicação protestantes assumiram a postura de combatentes da instituição da escravidão no Brasil, também tomada como uma das causas de atraso e desmoralização da nação. Um aspecto tão característico da sociedade brasileira do século XIX também foi polêmico para as comunidades protestantes, que se viam, por vezes, encurraladas entre o discurso e a prática anti-escravistas.

Contudo, um cuidado mais que especial foi dado às questões relativas à educação no Brasil. Diversos textos aqui apresentados demonstram a preocupação que os missionários tinham em melhorar as condições educacionais tanto para fazer valer sua máxima de livre interpretação das Escrituras quanto como instrumento de modernização do Brasil.

Na exposição dos documentos pesquisados, a ênfase foi dada aos projetos de educação da mulher, que retificavam a sua posição de mãe e esposa, só que incumbidas da missão de educar seus filhos pelos parâmetros da busca do progresso e da moralização da sociedade. Elas seriam as militantes desse ideal dentro da família.

Assim, meu objetivo aqui foi apresentar novos dados que colaboram para explicar os meios pelos quais a propaganda protestante foi se difundindo no Brasil: identificando problemas e apresentando "soluções", buscando aliados desde entre os políticos liberais até as "mães de família", criando escolas, discursando sobre o progresso da nação e estabelecendo uma associação direta entre o protestantismo e a nova fase de modernização proposta para o Brasil.

REFERÊNCIAS

Fontes

Periódico

A Imprensa Evangélica, 2 de julho de 1870. Vol. VI, nº 14; 16 de dezembro de 1871, 16 de março de 1872, 16 de agosto de 1873. Ano IX, nº 16; 6 de novembro de 1875. Ano XI, nº 21; 29 de novembro de 1879. ano XV, nº 48; 4 de setembro de 1880. Ano XVI, nº 35; 17 de dezembro de 1880. Ano XVI, nº 50; 15 de outubro de 1883. Vol. XIX, nº 19; 17 de outubro de 1885. Vol. XXI, nº 20; 13 de Março de 1886. Vol. XXII, nº 11. Arquivo Histórico Presbiteriano. São Paulo.

Relatório de Francis Joseph Christopher Schneider. Disponível em <http://www.executivaipb.com.br/Museu/Relatorios/Schneider/Schneider.htm>. Acessado em 18 de maio de 2009.

Bibliográficas

CARVALHO, Marcus J. M. de. "Fácil é serem sujeitos, de quem já foram senhores": o ABC do Divino Mestre", **Afro-Ásia**, no. 31 (2004), pp. 327-334.

LEONÁRD, Émile. **O Protestantismo Brasileiro: estudo de Eclesiologia e História Social**. 2 ed. São Paulo e Rio de Janeiro: Juerp/ASTE, 1981.

MACHADO, M. H. P. T.. A ciência norte-americana visita a Amazônia: entre o criacionismo cristão e o poligenismo degeneracionista. **Revista USP**, v. 75, p. 68-75, 2007.

MATOS, Alderi Souza de. **Os Pioneiros Presbiterianos do Brasil**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004

_____ O Colégio Protestante de São Paulo: Um Estudo de Caso sobre o Lugar da Educação na Estratégia Missionária da Igreja. **Fides Reformata** (São Paulo), São Paulo, v. IV, n. 2, p. 59-86, 1999.

_____ A atividade literária dos presbiterianos no Brasil. **Fides Reformata** (São Paulo), v. XII, p. 43-62, 2007.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Norte-americanos na Bahia: o projeto civilizador dos missionários presbiterianos. **Revista da FACED**, v. 11, p. 1-20, 2007.

PAZINATTO, Bianca Carvalho; FREITAS, Ella Souza; FERREIRA, Jorge Luiz Marques. Relações entre Brasil e Estados Unidos no Século XIX. **Relações Internacionais no Mundo Atual**. Faculdade de Ciências Administrativas de Curitiba. Nº 1. 2000.

PIERSON, Paul Everett. **A younger church in search of maturity: Presbyterianism in Brazil from 1910 to 1959**. San Antonio, Texas: Trinity University Press, 1974.

REILY, Duncan Alexander. **História Documental do Protestantismo no Brasil**. 3 ed. São Paulo: ASTE, 2003.

RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo no Brasil Monárquico; 1822-1888: Aspectos Culturais de Aceitação do Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1973.

RODRIGUES, Cláudia. Sepulturas e sepultamentos de protestantes como uma questão de cidadania na crise do Império (1869-1889). **Revista de História Regional**. Verão, p. 23-38, 2008.

Rosalind Thomas. "Letramento e oralidade". In Thomas. **Letramento e Oralidade na Grécia Antiga**. São Paulo: Odysseus Editora, 2005, p. 21-40.

TRABUCO, Zózimo Antônio Passos. **O Instituto Bíblico Batista do Nordeste e a construção da identidade batista em Feira de Santana 1960-1990**. Dissertação de Mestrado. 2009.

VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil**. 2ª ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1980.